

# Morada do sol, da laranja, cana, soja, madeira, milho...

Canaviais e pomares de laranja. As duas culturas não apenas predominam nos 982 quilômetros quadrados da área rural de Araraquara, como comprovam que o agronegócio foi, e continuará sendo a mola propulsora da economia deste município, localizado na região central do Estado de São Paulo e sede da 12ª Região Administrativa. A vocação agrícola da cidade é confirmada ainda com a importante produção de soja, milho, amendoim, tangerina e limão. O reflorestamento, outra atividade em expansão, já atingiu a maioria. São 21 anos desde que o primeiro eucalipto foi cultivado. A matéria-prima segue para unidades fabris da Ripasa, Champion e Celpav, localizadas na região.

As agroindústrias têm desempenhado importante papel para o desenvolvimento das bases produtivas da cidade.

Do setor sucroalcooleiro são três as usinas de açúcar e álcool instaladas no município. Uma das maiores produtoras e exportadoras de suco cítrico do país está em Araraquara. Junto com outras quatro produtoras de municípios vizinhos, responde por 96% da produção brasileira de suco de laranja. No parque industrial de Araraquara, se destacam também os setores mecânico e metalúrgico, grande parte para equipar as agroindústrias e os produtores rurais. A indústria têxtil é uma das mais tradicionais. A marca LUPU é conhecida em todo Brasil. Na área de alimentos a cidade também se destaca e investe num pólo tecnológico para implantação de empresas de bioquímica e química fina. São oito distritos industriais.

O agronegócio dota o município de renda per capita de US\$ 5 mil, digna de Primeiro Mundo, e fortalece os cofres públicos. Conforme a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), do governo estadual, o valor da produção anual só da agropecuária regional gira em torno de R\$ 720 milhões. O montante equivale a 218 vezes a cota de repasse do Imposto sobre a Circulação

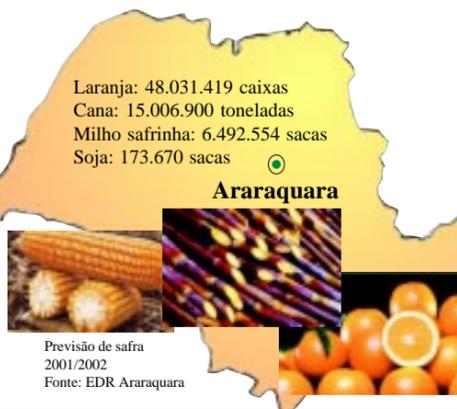


Foto: divulgação

de Mercadorias e Serviços (ICMS) de Araraquara de julho último, estipulada em R\$ 3,3 milhões. Ou, ainda, quase seis vezes o orçamento deste ano do município, estimado em R\$ 130 milhões. A solidiez do agronegócio interfere também no preço da terra. A última pesquisa do Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento, divulgada em junho, revela que o preço do imóvel rural do município, com benfeitorias e acima de 242 hectares, é o dobro do valor do hectare de Bauru e R\$ 1 mil acima do hectare médio de Araçatuba.

Em outra parte esta valorização se deve à logística de Araraquara. Encravada às margens da Rodovia Washington Luiz, o município escoia seus produtos para outros estados com a mesma facilidade com que os destina para a capital paulista, distante 269 quilômetros.

A relativa proximidade de São Paulo é favorecida pela interligação da Rodovia Washington Luiz com as rodovias Anhanguera e Bandeirantes, e daí ao porto de Santos pelo complexo das rodovias



as Anchieta e Imigrantes.

Como é bem estruturado e com mercados sólidos, o agronegócio auxilia, por sua vez, na infra-estrutura de Araraquara. A taxa de urbanização, por exemplo, é de 95,12%, maior que a média do Estado de São Paulo, de 93,41%. Um número que se destaca na qualidade de vida dos araraquarenses é o índice de tratamento de esgoto: 100% dos 184.496 habitantes (Censo 2001) são atendidos, mas a capacidade instalada da estação de tratamento é para 270 mil habitantes. A cidade tem ainda o invejável índice de 34,2 m² de área verde por habitante, a OMS - Organização Mundial da Saúde recomenda 12m². O ensino superior também coloca Araraquara em destaque, tanto pelos cursos das universidades particulares como das públicas: Unesp e USP, fornecendo para a cidade e região mão-de-obra altamente especializada.

E imaginar que um dia, ainda na primeira década de 1.800, a Morada do Sol era apenas um sertão.

O município foi inicialmente habitado por Pedro José Neto, um morador de Itu condenado ao degredo em Piracicaba. Para fugir, atravessou o rio Piracicaba e embrenhou-se no sertão de Araraquara, apossando-se de terras desocupadas. Mais tarde, em reconhecimento a esses serviços, recebeu indulto do governador da Colônia e obteve a propriedade de suas terras na região. Em 1805, construiu uma capela dedicada a São Bento, em torno da qual floresceu a povoação de São Bento de Araraquara, que se desenvolveu graças à cultura cafeeira.

Em 22 de agosto de 1817, foi criada a freguesia do município de Itu, posteriormente transferida para o município de Piracicaba, em 31 de outubro de 1821.

Em 10 de julho de 1832 foi elevada à categoria de vila e, em 6 de fevereiro de 1889, recebeu os foros de cidade.

A denominação Araraquara vem do tupi-guarani e significa "o refúgio das araras".

# Agro**negócio**

Ano 3, nº 19, Julho de 2002

ECT/DR/SPI  
IMPRESSO ESPECIAL  
1.74.18.0759-7  
ABAG / RP  
UP-ACF/VILA VIRGINIA



## A educação e o futuro

Primeiro dia das férias do mês de julho. Um sábado frio, com possibilidade de chuvas, um bom dia para ficar na cama e aproveitar o descanso merecido.

Mas não foi assim para 90 professores de onze cidades da região de Ribeirão Preto. O início das férias foi dia de trabalho.

Eles não foram obrigados a comparecer. Mas professor é professor e, apesar da remuneração depreciada, da crise do sistema educacional, da desvalorização profissional, da falta de recursos materiais, da insegurança, da desmotivação dos alunos, ele não esmorece. Sempre acha que pode fazer um pouco mais, se dar um pouco mais, e quando recebe apoio, melhor ainda. Frio, férias, nada tem importância quando ele pode aprender um pouco mais, procurar mais um instrumento para estimular seus alunos, tentar buscar um outro caminho e reascender a chama da esperança.

Esses professores fazem parte do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", da ABAG/RP e foram preparar a visita de seus alunos para o segundo semestre. Divididos em quatro grupos, os professores visitaram algumas empresas associadas à ABAG/RP, que abrem suas portas para mostrar um pouco da realidade da região, uma realidade intimamente ligada ao agronegócio e que com certeza, fará parte do futuro profissional de seus alunos.

Os professores visitaram duas usi-



Professores aprimorando o conhecimento

nas de açúcar, duas fazendas e uma indústria de máquinas e equipamentos. Nas usinas não viram apenas a fabricação de açúcar ou álcool, mas conheceram o trabalho ambiental desenvolvido por elas: como são mantidas ou recompostas as áreas de preservação permanente, qual o tratamento dado à água do setor industrial, como é controlada a emissão de poluentes, além da relação das empresas com os funcionários e tudo mais que os professores quisessem saber. Nas fazendas conheceram o conceito moderno de administração rural. Para muitos da cidade o homem do campo ainda é o Jeca Tatu. Viram de perto como é feito o controle biológico de pragas, como se faz a colheita mecânica de cana e a coleta de sementes para alimentar os viveiros e estufas de produção de mudas. Em uma indústria de máquinas e equipamentos, o conceito de agronegócio ficou mais claro. O "antes" da porteira é um grande empregador em quase todas as cidades da região. Em Matão, são dezenas de indústrias trabalhando para o setor rural, só a empresa visitada emprega diretamente

1700 pessoas e gera outros 500 empregos indiretos.

Para o professor Joselito Avelino Braga, de Barrinha, este interagir com a realidade é fundamental para o futuro dos alunos. É uma forma de estimular e despertar o aluno para o futuro. Na escola do professor Joselito, o trabalho com projetos foi a saída encontrada para manter o aluno na escola e, segundo ele, essa parceria com a ABAG/RP é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada, tanto que além dos professores, a coordenadora Josiane Gerbasi e a vice-diretora Rosa de Souza Pagani Ramos, fizeram questão de acompanhar as visitas.

Na Usina São Francisco, os professores de Barrinha se sentiram em casa. Os rostos familiares de ex-alunos estavam por todos os lados, o que reforçou a tese do professor Joselito: a desconexão do aluno com a realidade local é muito grande, eles crescem ouvindo informações negativas sobre a região, e como não a conhecem de fato, não querem ficar por aqui, e aluno sem perspectiva é candidato a ser vítima da violência e do tráfico de drogas. Um projeto como o "Agronegócio na Escola", segundo ele, amplia os horizontes e é um grande aliado no trabalho da escola, que não pode mais ficar isolada nos limites dos seus muros, e que está comprometida com a missão de preparar e educar verdadeiros cidadãos para o futuro.

### Editorial

### Consciência ou obrigação

A recente publicação do IDH, índice da ONU que mede o grau de desenvolvimento humano dos países, mostra que o Brasil subiu do 75º para o 73º lugar, entre 173 países analisados. O 1º lugar pertence à Noruega.

Os indicadores que compõem o IDH são: expectativa de vida ao nascer; analfabetismo adulto; taxa de escolaridade e renda per capita. Especialistas brasileiros criticaram os dados de taxa de matrícula utilizados, que impediram o país de ocupar o 70º lugar. Entre alguns dos países vizinhos, o Brasil fica atrás da Venezuela (69%), Colômbia (68%), Panamá (57%), Cuba (55%), Costa Rica (43%), Uruguai (40%), Chile (38%) e Argentina (34%).

O país é o 43º em taxa de matrícula, o 103º em expecta-

tiva de vida e tem 14,8% da população acima de 15 anos analfabeta. Mas triste é o recorde da concentração de renda, a quarta maior do mundo. Medida pelo Índice de Gini, aponta que entre 116 nações, o Brasil fica à frente apenas de três paupérrimos países africanos.

A PNUD admite que é um "índice cru e limitado", e que na toada do processo global serão necessários mais 130 anos para liberar o mundo da fome, tempo demais!

A responsabilidade social no Brasil, destaque no mundo, é resultante da constatação por parte da sociedade da incapacidade do governo em resolver sozinho estes problemas. É hora de ousar fazer!

Monika Bergamaschi

**Agro**negócio**** é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. E-mail: abag.rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração eletrônica: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares

# Ousar fazer

O Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, divulgou com grande cobertura pela imprensa os resultados nacionais da atuação social das empresas. Muito já se havia falado, mas na prática não havia nenhum número oficial sobre como e em que medida as empresas brasileiras atuam em atividades sociais, seja em benefícios de seus empregados ou da comunidade. É importante lembrar, afirma a coordenadora da pesquisa, Anna Maria Peliano, que ação social é parte da responsabilidade social, é o que a empresa faz fora de seus muros sem nenhum caráter obrigatório.

A pesquisa foi feita em todas as regiões do país e em todos os tipos de empresas, desde as micro até as de grande porte, com base em cadastro mantido pelo Ministério do Trabalho. O resultado mostra que a maior parte do setor privado brasileiro está envolvida de alguma forma com a área social. A grande motivação para este envolvimento das empresas é filantrópica, priorizando a assistência social e a alimentação de crianças, seguidos pelo investimento em segurança, esporte e educação.

Segundo o Ipea, 59% das empresas do país desenvolvem ações em benefício da comunidade. São cerca de 465 mil empresas, que contribuem com aportes financeiros ou não, com doações eventuais ou desenvolvendo projetos mais estruturados. No ano 2000 o investimento chegou a R\$ 4,7 bilhões, um montante expressivo, mas que corresponde a apenas 0,4% do PIB brasileiro. É um volume grande de recursos do setor privado sendo aplicado em ações com fins públicos, um número que deve

crescer ainda mais. Segundo o Ipea, 39% das empresas declararam que pretendem ampliar suas participações num futuro próximo.

Os números revelam ainda que quanto mais antigas as empresas, maior a participação em ações sociais voltadas para a comunidade. No sudeste, 57% das empresas declararam desenvolver atividades voltadas para a comunidade de forma habitual, e 60% concentram suas atuações nas comunidades vizinhas às empresas. Quanto ao investimento feito em prol do empregado, 80% dos empresários revelaram que esses benefícios aumentam a produtividade e melhoram a qualidade do trabalho.

Na área rural propriamente dita, a pesquisa aponta que as empresas focam seus investimentos em seus funcionários, tentando melhorar a qualidade de vida dos mesmos e de suas famílias. A fazenda Santa Isabel, localizada na cidade de Guariba, realiza há mais 40 anos projetos voltados para a sua comunidade interna. Na área da educação, uma assistente social acompanha de perto a vida escolar dos empregados e seus filhos. Um esquema especial de bolsas de estudo foi montado para todos, o estímulo para que todos cheguem ao ensino superior é grande. A fazenda banca 100% dos gastos com faculdades privadas, ou garante a manutenção do estudante em faculdades públicas. A única exigência em contra partida é que não haja reprovação. Na área habitacional, a proximidade da fazenda com os centros urbanos, o fascínio e as comodidades que a cidade traz, vem gradativamente desestimulando os trabalhadores a morar nas antigas colônias. Na fazenda Santa Isabel, todas as casas da colônia estavam ocupadas, até meados dos anos 90, mas seus moradores, principalmente os mais novos, estavam insa-

*Moradia e universidade para funcionários e seus filhos*

tisfeitos, mas sem condições de se estabelecer na cidade. Mais uma vez a iniciativa privada assumiu um papel que não era seu. Os administradores da fazenda estimularam uma poupança inicial de seus empregados e fizeram um financiamento habitacional interno, onde a fazenda arcou com as despesas de construção e desconta paulatinamente, sem juros, as prestações dos empregados. Dos 83 chefes de família, 61 têm casa própria. Atualmente 17 funcionários têm empréstimos sendo pagos. Luiz Carlos Rosa da Silva é um deles. A família que sempre morou na fazenda está morando na cidade desde março. A decisão da mudança aconteceu porque o filho mais velho, Breno, estuda à noite em uma Universidade de Ribeirão Preto, viaja todos os dias, e o ônibus de estudantes não queria mais parar na estrada para deixá-lo. Breno é um dos filhos de empregados que tem bolsa de estudos paga pela fazenda.

As empresas, cientes da importância do papel que desempenham frente às suas comunidades, anteciparam-se à lei e ao governo e passaram a elaborar seus Balanços Sociais, um instrumento precioso para que divulguem o que fazem, para que por meio dessa radiografia de como encaram suas responsabilidades sociais, seus fornecedores, investidores e consumidores sejam também parceiros destas iniciativas.

Nas usinas de açúcar da região a preocupação com seus empregados também gerou importantes projetos na área de educação e saúde, estendidos para os familiares, mas na grande maioria o trabalho já chega, há muito tempo, nas comunidades que as rodeiam. O interesse pela criança e pelo jovem é muito grande, reforçando a veracidade dos dados da pesquisa do Ipea. Citar exemplos implica em correr riscos de não mencionar grandes e importantes iniciativas, mas são ferramentas importantes para ilustrar o comportamento do setor na região com as ações sociais.

As Usinas São Francisco e Santo Antônio, das Organizações Balbo, são



*Com os filhos na creche, funcionárias trabalham mais tranquilas*

certificadas, desde o início de 2000, como empresas “Amigas da Criança”, pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança. Entre os programas desenvolvidos pelas usinas em prol das crianças e jovens merece destaque a Casa da Cidadania de Barrinha, que tem por objetivo preparar os jovens para a vida em comunidade e para o mercado de trabalho, oferecendo orientações que vão desde o combate ao uso de drogas e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, até cursos de inglês e panificação. O “Centro de Convivência Itaquerê”, na cidade de Nova Europa, funciona dentro da Usina Santa Fé e é financiado por ela. Atua na promoção social, atendendo semanalmente 220 crianças e adolescentes, fora do período escolar. Oferece atividades profissionalizantes, culturais e esportivas. No início era basicamente um trabalho de reforço escolar, mas hoje com cerca de 24 cursos e com um trabalho centrado na melhoria da autoestima dos jovens, já vislumbra, a comercialização dos objetos e serviços desenvolvidos no centro, para propiciar uma renda mínima para a comunidade atendida e para a própria sustentabilidade do centro.

As crianças e os adolescentes são o foco do investimento social da Usina da Pedra, sendo ou não filhos de funcionários. São projetos que vão da doação de livros à contribuição financeira com projetos já desenvolvidos na região, principalmente os que atendem crianças em situação de risco. O auxílio-creche oferecido pela usina às suas funcionárias tem garantido o sossego de mães como Rosângela de Souza, de Cravinhos. Mãe de dois filhos, Rosângela pagava para uma pessoa tomar conta

deles, agora com os dois na creche ela tem certeza de que as crianças estão sendo mais bem cuidadas.

O investimento em programas de esportes também é muito grande. Na cidade de Sertãozinho, 555 crianças fazem parte do projeto “Atletas do Futuro”, todos apoiados por empresas do setor agroindustrial. A aposta do setor privado no esporte deu a uma ex-cortadora de cana a oportunidade de chegar muito perto da Olimpíada de Atenas. Em 2000, com 27 anos e um sonho na cabeça, a trabalhadora rural/atleta Maria Zeferina, procurou a Usina Santa Elisa em busca de patrocínio. Ainda sem nenhum título à época, a empresa aceitou o desafio. Resultado: a campeã da São Silvestre de 2001 e da 8ª Maratona Internacional de São Paulo é a número um do atletismo brasileiro e, em janeiro, começa a busca pelo índice olímpico. A Usina Santa Elisa não está no comércio varejista. Seus “produtos” não chegam diretamente ao grande público. O investimento é realmente fruto do interesse pelo social, pelo desenvolvimento da comunidade.

As colaborações eventuais das empresas em projetos sociais também foram citadas na pesquisa do Ipea. As contribuições com creches, asilos, instituições filantrópicas em geral, além de reformas de escolas e hospitais, são comuns a grande parte das empresas brasileiras.

Em Matão, um grupo de empresários patrocinou a reforma do hospital Dr. Carlos Fernando Malzoni. Foram investi-

*Jovens estudam informática na Casa da Cidadania em Barrinha*

dos 4 milhões de dólares. O antigo prédio do hospital foi reformado, uma parte nova foi construída e equipada para abrigar o centro cirúrgico, a UTI, a maternidade e o pronto-socorro. Entre estas empresas estava a Tatu Marchesan, que além de investir financeiramente em ações sociais, estimula e incentiva seus 1700 empregados a participar também. Uma ação semestral dos empregados da empresa, é a doação de sangue. A campanha feita dentro da própria indústria, possibilita o envio de sangue para três cidades, beneficiando diversos hospitais.

O meio ambiente é também uma das grandes preocupações das empresas brasileiras. Um tema relativamente novo, que ganhou importância depois da ECO 92.

Hoje a maioria das empresas está comprometida com a preservação dos recursos naturais. Buscam tecnologia para a eliminação da emissão de poluentes, melhor conservação do solo e da água, entre outras ações. A lei precisa ser cumprida, mas muitas empresas vão além e desenvolvem programas de educação ambiental voltados para toda a comunidade. O CEA, Centro de Educação Ambiental, da Usina São Martinho, é um bom exemplo de um trabalho da iniciativa privada que se estendeu para além dos seus limites. O exercício da consciência ambiental é feito junto com a comunidade, principalmente com os professores da região, que são difusores de conhecimento. Quase 1.500 pessoas entre educadores e estudantes já passaram pelo centro, onde descobrem a necessidade e as vantagens da reciclagem do lixo, a importância da preservação das matas e do tratamento responsável que deve ser dado à água.

Ação Social é ousar fazer, é tentar alterar os rumos do social, pelo menos na comunidade mais próxima. A ousadia faz a diferença.

